

Categorização e generalização em atividades de comparação cultural na interação entre brasileiros e alemães

Danilo Rocha Campanha¹

Ulrike Agathe Schröder²

Titel: Kategorisierung und Generalisierung in Aktivitäten des Kulturvergleichs in der Interaktion zwischen Brasilianern und Deutschen

Title: Categorization and generalization in activities of comparing cultures in the interaction between Brazilians and Germans

Palavras-chave: Categorias de pertencimento; generalização; comunicação intercultural

Schlüsselwörter: Kategorien-Mitgliedschaft; Generalisierung; interkulturelle Kommunikation

Key-words: Membership categorization; generalization; intercultural communication

1. Introdução

O presente trabalho se propõe a investigar os processos comunicativos que fazem a etnicidade emergir como parâmetro relevante para a constituição da identidade social de participantes numa interação intercultural.

Schröder e Carneiro Mendes (2015) já mostraram que, apesar da assim chamada substituição de culturas nacionais por culturas globais ou híbridas, postulada frequentemente por pesquisadores a partir de uma perspectiva extracomunicativa, para

¹ Graduando em Letras na Universidade Federal de Minas Gerais; dcampanha@ufmg.br. Agradeço ao CNPq pela bolsa de Iniciação Científica que permitiu a realização dessa pesquisa.

² Professora Associada na Universidade Federal de Minas Gerais; Email: schroederulrike@gmx.com. Agradeço à FAPEMIG pelo apoio que recebo pelo *Programa Pesquisador Mineiro* (2015-2017) e ao CNPq pela Bolsa de Produtividade (2015-2018).

Campanha, D. R. / Schröder, U. – Categorização e generalização

os próprios participantes e a partir da perspectiva comunicativa deles, a metáfora conceitual CULTURA É UM CONTÊINER continua exercendo uma função ampla na estruturação da experiência intercultural. Tendo em vista a presença factível da noção de cultura nacional nos dados analisados, o pertencimento a uma cultura será considerado aqui não como um traço constante e determinante em um único sentido da identidade dos interagentes, mas como um parâmetro coconstruído comunicativamente e posto em relevância para a produção local de identidades sociais (GUMPERZ & COOK-GUMPERZ 1982: 1).

Para observar este processo em detalhe, serão analisados os dispositivos de categorização do pertencimento (*Membership Categorization Devices*, SCHEGLOFF 2007) usados numa interação concreta entre brasileiros e alemães. Pretendemos ver como as participantes colocam em jogo, explícita ou implicitamente, o dispositivo de categorização *nativo/estrangeiro*, e como categorias, identidades e contextos se constituem reflexivamente (EGLIN & HESTER 1997) durante as práticas de interação social.

2. Referencial teórico

Em perspectiva etnometodológica, “categorias de pertencimento são classificações ou tipos sociais que podem ser usados para descrever pessoas” (EGLIN & HESTER 1997: 3). Foi Harvey Sacks que, em uma aula em 1965 (SCHEGLOFF 2007: 464-465), introduziu a ideia das categorias de pertencimento ao explicar que, quando ouvimos a frase: “O bebê chorou. A mãe o pegou no colo”, inferimos automaticamente que a mãe, de que se fala nesse enunciado, corresponde à mãe do bebê (SACKS 1972). Segundo Sacks, esta inferência se deve ao fato de que pelo dispositivo ‘família’, a categoria ‘filho’, bem como ‘bebê’ pertencem a uma coleção que contém também as categorias ‘mãe’, ‘pai’, ‘irmão’, e essa coleção é relevante naquele momento interativo, o que dá coerência implicitamente à sequência narrativa. Ou seja, dispositivos de categorização emergem e ganham sentido nas práticas comunicativas conforme sejam pragmaticamente relevantes em cada momento interacional. No exemplo acima, uma *category-bound activity* (SACKS 1972; SCHEGLOFF 2007: 470), a saber, a atividade do ‘chorar’, ativa nosso

Campanha, D. R. / Schröder, U. – Categorização e generalização
conhecimento cultural sobre esta característica específica atribuída a bebês junto a um cenário em que a mãe do bebê normalmente cuida da situação descrita.

Ora, no uso de categorias de pertencimento, muitas vezes, trata-se de atribuições a um grupo cultural ou social que até podem indicar preferências com relação a interpretações semântico-normativas: o pertencimento a um grupo sexual, religioso, político, étnico etc. (SCHEGLOFF 2007: 467; HINNENKAMP 1989: 253). Porém, tais categorias não são fixas mas flexíveis: uma pessoa não será sempre membro de mesmas categorias o tempo todo; essas relações emergirão *indexicalmente* conforme for relevante em cada cenário interativo. O que acontece é um processo reflexivo em que cada prática de interação social condiciona certas relações entre as categorias e seus membros, assim como as categorizações contribuem para a organização das práticas de interação social em que ocorrem (STOKOE 2012).

Além das categorias de pertencimento, o processo de coconstrução intersubjetiva de categorizações se realiza sequencialmente na forma de uma outra prática sistemática que Hauser (2011: 183) denomina ‘generalização’, definindo-a como “o uso de afirmações sobre uma ou mais pessoas ou um grupo como base para se afirmar algo sobre uma categoria, à qual a(s) pessoa(s) ou o grupo pertença(m).” Enquanto prática de categorização, ‘generalização’ consiste na relação reflexiva entre um caso individual e uma categoria, onde o caso individual categorizado e a categoria aplicada constituem sentido um sobre o outro reciprocamente, conforme os fins de cada prática de interação social. Finalmente, a prática da ‘*nocionalização*’, conforme Deppermann (2011: 155), consiste na transformação de uma descrição/narração em uma categorização. Versões descritivas/narrativas são mais longas, contêm informações espalhadas em várias unidades de construção de turno, em turnos de diversos falantes, com detalhes temporais, situacionais etc. *Nocionalizações* as condensam em categorizações abstratas, atemporais, dentro de uma unidade de construção de turno. Dessa forma, os participantes da interação intercultural coconstroem e colocam em jogo para objetivos pragmáticos em cada momento comunicativo suas identidades culturais, como o pertencimento a uma cultura, através de práticas de categorização de si e do outro segundo dispositivos de categorização. As identidades culturais podem ser expressas não apenas pelo uso explícito de categorias formuladas lexicalmente, mas também implicitamente, via pistas de contextualização verbais, vocais ou visuais (COPOSESCU

Campanha, D. R. / Schröder, U. – Categorização e generalização (2005; AUER 1986; GUMPERZ 1982). Na análise a seguir, serão investigadas as estratégias linguísticas, bem como pistas paraverbais e não verbais, que dão relevância para o dispositivo de categorização *nativo/estrangeiro* na organização da experiência de contato intercultural.

3. Metodologia

O trecho transcrito e analisado abaixo é de uma filmagem que compõe o corpus do grupo de pesquisa *Comunicação (Inter-)Cultural em Interação* (<http://www.letas.ufmg.br/cicdm/>) da Faculdade de Letras da UFMG, coordenado pela professora Ulrike Schröder. O corpus é formado por interações entre participantes de culturas diferentes, bem como entre participantes com o mesmo pano de fundo linguístico e cultural por fins de comparação. No centro das conversas, de maioria eliciadas, estão tópicos interculturais. Os dados audiovisuais são transcritos com o programa EXMARaLDA (SCHMIDT & WÖRNER 2009), seguindo as convenções GAT2 (SELTING et al. 2009). Na filmagem escolhida, quatro estudantes brasileiras e quatro intercambistas alemãs na UFMG conversam, motivadas por cartões contendo perguntas sobre temas diversos como, por exemplo, o curso que estudam, os planos para o futuro ou as experiências que já fizeram em outros países. A seguir, faremos uma análise microanalítica de um trecho escolhido dessa filmagem.

4. Análise

Na sequência a seguir, a pergunta foi o que as oito estudantes acham das relações amorosas no Brasil e na Alemanha e se elas acham que há diferenças.

relações amorosas, 88:31.2-88:51.6

01 A4: (algo como namorado) a gente:(.)já conversamos;

02 é:-

03 **na aleMANha** é: normal;=né,

04 B2: nó;

Campanha, D. R. / Schröder, U. – Categorização e generalização

- 05 (1.3s)
- 06 A4: e **aqui** é tipo caSAR e depois que pode
[beijar na frente dos <<rindo> país>.]
- 07 A2: [**aqui** é:/eu acho que É-]
- 08 A4: ((ri))
- 09 B3: **aqui** é tão [superciA:L quanto as amizades.]
- 10 A2: [**aqui** tem **MUITas pes/é: aqui** tem mUITas pes]
so:as que não: levem muito a sério uma [rela]ção.
- 11 B4: [é:;]
- 12 B2: ja.
- 13 A2: por e[xemplo: assim] [QUANdo eu][che]guEi,
- 14 B3: [**MUITas pesso:as?**]
- 15 B2: [é:;]
- 16 A4: [hum;]
- 17 A2: [primeira vez eu][não conhecia esse nogócio de fiCAR:;]
- 18 B3: [**TOdas.**]
- 19 A1: [((ri))]

A4 inicia seu turno com uma resposta (L01-06) quando, na L07, A2 tenta tomar o turno, sobrepondo-se ao turno de A4, porém, sem sucesso. Em seguida, B3 toma o turno (L09) para expressar a sua opinião sobre o Brasil. Então, A2 tenta novamente tomar o turno (L10), sobrepondo-se ao turno de B3, dessa vez com sucesso, e vai prosseguir contando uma experiência de contato intercultural no Brasil. As categorias linguísticas relevantes para a análise de categorização estão transcritas em negrito.

Inicialmente, as participantes usam as categorias *aqui* e *na Alemanha* para comparar as culturas brasileira e alemã de forma generalizada. Isso é feito predicando-se sobre as categorias do dispositivo *país*, em que o adjunto adverbial de lugar *na Alemanha*, bem como o dêitico local *aqui* - nesse caso interpretado como ‘no Brasil’ - são postas em oposição, comprimindo toda a coletividade dos seus potenciais membros, isto é, por meio de uma formulação espacial a falante se refere a um suposto grupo de pessoas como um todo. A perspectiva generalizada é sustentada intersubjetivamente

Campanha, D. R. / Schröder, U. – Categorização e generalização pelos sinais positivos de *backchanneling* de B2 (L04, 12 e 15) e B4 (L11) que articulam concordância com a falante.

A4, no seu turno, predica sobre a cultura brasileira por meio de uma *nocionalização*, na qual se manifesta o ponto de vista compartilhado pelas outras participantes uma vez que, em um momento anterior da interação, elas já discutiam sobre as relações amorosas no Brasil e na Alemanha e suas diferenças. Sendo assim, no trecho transcrito, A4 agora sintetiza esta discussão anterior, retomando-a por meio do ato metacomunicativo interposto (TECHTMEIER 2001) já *converSAmos*, que serve para organizar o discurso por possibilitar à volta ao assunto, ‘nocionalizando’ o tópico em um *predicado* - *tipo caSAR e depois que pode [beijar na frente dos <<rindo> pais>.]* - o que resulta no efeito da *generalização* para toda a cultura brasileira: *aqui é*. Nesse enunciado, a comparação cultural se dá também no nível paraverbal: junto ao enunciado verbal <<rindo> pais>, o riso (L08) contextualiza a avaliação da falante sobre esse aspecto que ela elabora como sendo parte da cultura brasileira, cômico em comparação com a suposta normalidade da cultura alemã no aspecto em questão - *na aleMANha é: normal*. Com isso, também é dada relevância para sua categorização segundo o dispositivo *nativa/estrangeira*, como alguém que não pertence ao espaço demarcado pelo dêitico *aqui*, mas que ‘vem de fora’.

B3, por sua vez (L09), afirma seu próprio ponto de vista de forma generalizada, atribuindo a característica *superficial* aos brasileiros no quesito ‘relações amorosas’. Esse enunciado não ressoa nada já expresso antes pelas outras participantes, mas coloca em jogo um ponto de vista crítico sobre um aspecto da própria cultura nativa. O ponto de vista crítico de B3 enquanto analista relativamente consciente (EGLIN & HESTER 1997: 1) da própria cultura evidencia também como ‘pertencer’ não significa partilhar passivamente todas as supostas características culturais. Isso é previsível na perspectiva etnometodológica, segundo a qual as categorias e suas expressões linguísticas não são objetivamente constituídas por estruturas de sentido abstratas dadas de antemão, mas possuem uma ordem essencialmente indexical, que emerge no uso da língua em interação social, o que define o conceito de cultura-em-ação (*culture-in-action*, EGLIN & HESTER 1997). É de se considerar também que B3 passou um tempo maior na Alemanha, o que favorece uma posição reflexiva com relação à própria cultura, ou seja, uma aproximação a um lugar entre os dois mundos como *third space* (Bhabha 1994).

Campanha, D. R. / Schröder, U. – Categorização e generalização

Todavia, em L10, A2 atenua sua categorização pelo pronome indefinido *muitas pessoas*. Agora, não se predica diretamente sobre o dêitico *aqui*, mas sobre a categoria genérica *pessoas*, que, no plural e quantificada, revela a possibilidade de fragmentação e de heterogeneização da cultura que vinha sendo tematizada de forma mais reificada e abstrata como um todo. Mas a formulação de A2 será efetivamente generalizada quando B3 (L14 e 18), em um turno sobreposto, ressoa o seu enunciado (L14) e reformula a categorização restrita pela forma absoluta *todas* (L18), o que a transforma dialogicamente em uma *extreme case formulation* (POMERANTZ 1986) que serve para generalizar a afirmação de A2 e mostra afiliação. Concomitantemente, isso novamente indica de forma implícita o lugar das duas participantes nos pólos *nativo/estrangeiro*: enquanto A2 atenua sua afirmação sobre a cultura brasileira como participante de uma cultura alheia, B3 enuncia sua afirmação a partir do seu lugar de nativa, como membro da cultura brasileira, pertencente ao domínio indicado pelo dêitico ‘aqui’.

5. Considerações finais

Tendo em vista a presença evidente da noção de cultura nacional na interação analisada, tentamos mostrar como os interagentes coconstroem sentido dialogicamente e organizam conscientemente a experiência intercultural através de práticas sequenciais e de categorização. Através das práticas dialógicas de generalização e nocionalização, elas constroem sentido intersubjetivamente sobre as culturas tematizadas com base na experiência de cada uma. Além disso, no processo de ‘falar sobre’ as falantes inserem nos seus enunciados pistas contextuais que apontam suas identidades social e cultural, opiniões e pontos de vista, mesmo quando não são formulados lexicalmente. Nesse sentido, um riso, acentos ou outros meios prosódicos e não verbais dão relevância para o dispositivo de categorização *nativo/estrangeiro*, que serve como parâmetro na coconstrução local de identidades e dos respectivos contextos interpretativos.

Referências bibliográficas

Campanha, D. R. / Schröder, U. – Categorização e generalização

- AUER, Peter. Kontextualisierung. In: *Studium Linguistik* 19, 1986, 22–47.
- BHABHA, Homi K. *The Location of Culture*. London, Routledge, 1994.
- COPOSESCU, Liliana. ‘Membership Categorization Devices’ (MCD) in face to face interaction – an intercultural perspective. In: *The proceedings of The European Integration-Between Tradition and Modernity Congress 1*, 2005, Universităţii Petru Maior, Târgu Mureş, 2005, 302–312.
- DEPPERMAN, Arnulf. Notionalization: The Transformation of Descriptions into Categorizations. In: *Human Studies* 34, 2011, 155–181.
- EGLIN, Peter / HESTER, Stephen. *Culture in Action: Studies in Membership Categorization Analysis*. Lanham, International Institute for Ethnomethodology and Conversation Analysis and University Press of America, 1997.
- GUMPERZ, John J. *Discourse strategies*. Cambridge, Cambridge University Press, 1982.
- GUMPERZ, John J. / COOK-GUMPERZ, Jenny. Introduction: language and the communication of social identity. In: GUMPERZ, John J. (ed.). *Language and social identity*. Cambridge, Cambridge University Press, 1982, 1–21.
- HAUSER, Eric. Generalization: A Practice of Situated Categorization in Talk. In: *Human Studies* 34, 2011, 183–198.
- HINNENKAMP, Volker. Die Stilisierung von Ethnizität. In: HINNENKAMP, Volker / SELTING, Margret (eds.). *Stil und Stilisierung. Arbeiten zur interpretativen Soziolinguistik*. Tübingen, Max Niemeyer Verlag, 1989, 253–291.
- POMERANTZ, Anita. Extreme case formulations. A way of legitimizing claims. In: *Human Studies* 9(2), 1986, 219–229.
- SACKS, Harvey. An initial investigation into the usability of conversational data for doing sociology. In: SUDNOW, David (ed.). *Studies in Social Interaction*. New York, Free Press, 1972, 31–74.
- SCHEGLOFF, Emanuel. A Tutorial on Membership Categorization. In: *Journal of Pragmatics* 39, 2007, 462–482.
- SCHMIDT, Thomas / WÖRNER, Kai. EXMARaLDA – Creating, analysing and sharing spoken language corpora for pragmatic research. In: *Pragmatics* 19, 2009, 565–582.
- SCHRÖDER, Ulrike / CARNEIRO MENDES, Mariana. A utilização da metáfora CULTURA É UM CONTÊINER no contexto intercultural: uma análise de pontos de vista comunicativos e extracomunicativos. In: *Antares. Dossiê: Multimodalidade da linguagem e metáforas verbais e visuais: teorias, métodos e aplicações* 7(14), 2015, 107–128.
- SELTING, Margreth et al. Gesprächsanalytisches Transkriptionssystem 2 (GAT 2). In: *Gesprächsforschung – Online-Zeitschrift zur verbalen Interaktion* 10, 2009, 353–402.
- STOKOE, Elizabeth. Moving forward with membership categorization analysis: Methods for systematic analysis. In: *Discourse Studies* 14(3), 2012, 277–303.
- TECHTMEIER, Bärbel. Form und Funktion von Metakommunikation im Gespräch. In: BRINKER, Klaus et al. (eds.). *Text- und Gesprächslinguistik: ein internationales Handbuch zeitgenössischer Forschung*. Berlin, New York, de Gruyter, 2001, 1449–1463.